Cipinang,
19 de Novembro 1998

Lisboa exige liberdade para Xanana

TL 4706

"Na qualidade de presidente da Câmara Municipal de Lisboa, manifestei a Xanana Gusmão a solidariedade indiscutível da Câmara e da Assembleia Municipal e a solidariedade, a admiração e o respeito do povo de Lisboa que aqui represento.
Comuniquei a Xanana Gusmão que, há umas horas, quando fui recebido pelo ministro Ali Alatas, lhe reclamei a libertação imediata e incondicional de Xanana Gusmão, e o seu lugar incontornável, indiscutível, e indispensável na mesa das negociações sobre o futuro de Timor Leste".

Declaração de João Soares após encontro com Xanana Gusmão na Prisão de Cipinang, em 19 Novembro de 1998

Ao Povo da cidade de Lisboa

É com enorme alegria e honra que me encontrei com o Ilustríssimo Presidente da Camara de Lisboa, senhor Dr João Soares e, em nome do povo de Timor-Leste, venho saudar o povo lisboeta e exprimir a profunda gratidão pelo constante apoio ao nosso direito de auto-determinação e independência nacional.

Dili será, para a eternidade, a mais pequena cidade-irmã da tão grande e bonita Lisboa.

Um enorme abraço do povo timorense ao povo amigo e irmão português, através do povo lisboeta.

A luta continua!

Lipinang, 19 de Novembro de 1998

XANANA

Xanana terá papel importante no futuro

João Soares entende que a visita ao líder da resistência, na cadeia de Cipinang, justificou a sua deslocação à Indonésia

José António Santos

Entrevista ao Diário de Notícias, no avião de Ja

João Soares considera que as críticas de que foi alvo pela sua viagem a Jacarta são de "uma total inconsistência" e revelam sentimentos de mesquinhez. O autarca reafirma o apoio à política externa portuguesa sobre o assunto e manifesta-se disponível para prestar ao Presidente da República todas as informações que colheu na visita.

carta para Lisboa, publicada a 23 de Novembro de 1998.

Quais foram os objectivos da sua visita a Jacarta?

O objectivo principal era encontrar-me com Xanana Gusmão para lhe exprimir a solidariedade do povo de Lisboa que represento enquanto presidente da câmara.

E em termos políticos?

Do ponto de vista político creio que o objectivo central conseguido foi afirmar na prática, em acção concreta, e num momento particularmente difícil, os desígnios pelos quais a Resistência e a diplomacia portuguesa se têm batido. Isto é: colocar o líder da Resistência ao mesmo nível dos responsáveis da Indonésia no quadro de um encontro que resulta de uma circunstância relativamente fortuita, mas onde se valorizou o papel da figura de referência da Resistência.

O balanço que faz é positivo?

Passe a imodéstia, e considero que nesta matéria tenho condições para ser absolutamente sincero: faço um balanço extremamente positivo desta visita.

Os objectivos foram todos conseguidos?

Os objectivos que tinha fixado a mim próprio foram todos cumpridos e do meu ponto de vista mesmo excedidos.

Porque foram excedidos?

Porque tive a oportunidade de afirmar os valores comuns à generalidade dos portugueses e à resistência timorense, por vezes num quadro de um ambiente hostil e no seio de núcleos que têm a ver com o próprio Poder indonésio. Isto é: em circunstância alguma deixei de dizer que defendia o direito à autodeterminação de Timor. Disse-o no Palácio Presidencial de Jacarta quando aí me desloquei, a pedido dos indonésios, como é óbvio, e em todos os locais onde proferi declarações.

Nos momentos em que esteve a sós com Xanana Gusmão ele disse-lhe alguma coisa que possa ser dito e não passou, digamos, no diálogo a que tive o privilégio de assistir e que o DN transcreveu.

Bem, a parte que decorreu a sós é justamente a parte em que ele teve oportunidade de me dizer, com a prudência que ambos tivemos, as coisas que obviamente não queria que fossem ditas enquanto você lá esteve e enquanto a Patrícia Tejxeira, minha colaboradora, que teve em toda esta viagem um papel notabilíssimo e que eu gostava de sublinhar, presenciou a conversa.

E, portanto, se tivemos esse espaço reservado eu peço-lhe que o preserve porque eu não estou disponível para deixar que alguém o viole.

Xanana Gusmão pediu-lhe para fazer algumas diligências junto do Presidente Habibie?

Não. Não me pediu para fazer nenhuma espécie de diligências, manifestou-se favorável a que eu fosse a esse encontro com o Presidente Habibie.

Matéria sobre a qual eu tinha, como você estará lembrado, dúvidas porque todo o programa que me foi proposto, eu controlei-o a partir daquilo que era a minha própria vontade e ao dia, e em função dos outros contactos que também fui fazendo durante a estada.

Devo dizer-lhe que aquilo que do meu ponto de vista importa mais sublinhar quanto ao Xanana e quanto à parte política da conversa que tivemos, tem que ver com a moderação e a sensatez que ele mais uma vez deu provas e que ele confirmou no que diz respeito àquilo que eu já sabia dum conhecimento indirecto.

Ele é um homem profundamente moderado, que está apostado em ter, como aliás nos disse, ainda você estava na sala, uma relação de boa vizinhança

Almoço na embaixada do Brasil com oposicionistas Indonésios

com a Indonésia, uma relação de cordialidade e fraterna com os indonésios. Estará lembrado, aliás, do que ele lhe disse sobre as notícias que têm vindo a sair sobre o segundo massacre de Santa Cruz e sobre tudo aquilo que é o escalpelizar alguns anos depois dos muitos crimes que têm vindo a ser cometidos em Timor- Leste.

Ele é um homem que obviamente está a olhar para o futuro como alguém que sabe que, seguramente, vai desempenhar uma função muito importante no futuro da sua própria terra.

Xanana pediu-lhe para transmitir alguma mensagem ao primeiro-ministro, António Guterres?

Se me pediu não lha transmito a si, portanto essa pergunta é uma pergunta obviamente inconveniente, que só pode ser respondida com um não que você tomará como entender.

A saída da prisão foi um momento em que toda a gente estava muito emocionada, o que é que sentiu nessa altura?

Senti a emoção que partilhámos todos, inclusivamente como você terá visto, muitos dos indonésios que nos acompanharam. Houve ali um dobrar de um cabo mais uma vez na boa tradição portuguesa: passou de cabo das Tormentas a cabo da Boa Esperança, mesmo que a esperança ainda seja uma esperança longínqua.

Considera que esta sua iniciativa pode ter reflexos e ajudar a desenvolver outras iniciativas favoráveis ao povo de Timor, ou muito simplesmente acaba aqui?

É um sentimento que assumo com toda a simplicidade e com toda a humildade, passe a aparente contradição, mas de profundo orgulho democrático pelos gestos de que fomos capazes. Fizemos uma coisa muito difícil e muito bonita e fizemo-la sinceramente muito bem. Eu acho que há razões para que todos nós tenhamos orgulho naquilo que aqui fizemos e no que isso pode representar, enfim, tendo consciência que é um contributo muito pequeno face a tudo o que está em causa no que diz respeito a Timor Leste e à transição democrática na Indonésia, mas apesar de tudo é um contributo que não deixou de ser dado na oportunidade certa.

No quadro da actual realidade indonésia, o tempo de Timor-Leste livre e independente está próximo, ou ainda vai tardar?

Se a democracia está a caminho da Indonésia, independentemente dos sobressaltos e de acontecimentos dramáticos que possam ocorrer, e se houver eleições livres no ano que vem com uma vitória da senhora Megawati Sockarnoputri ou de Amien Rais, eu penso que inevitavelmente o problema de Timor estará a caminho da resolução. Porque a garantia dos direitos fundamentais

na Indonésia é a mais sólida garantia de que Timor mais cedo ou mais tarde poderá exercer o seu próprio direito à autodeterminação.

E considera que o ministro Ali Alatas será capaz de protagonizar a transição para Timor-Leste?

Seria pretensioso dizer que pode porque não sei qual é a sua margem de manobra. Agora que Alatas é um diplomata de grande categoria, um homem culto, muito inteligente e hábil, e que em termos da sua própria natureza e estrutura psíquica não é um espírito fechado, isso parece-me óbvio.

E considera que lhe agradaria protagonizar essa mudança?

Que lhe agradaria ser protagonista de um quadro de abertura e mudança que impusesse a Indonésia no plano internacional de uma forma diferente da que tem conhecido nos últimos anos isso também me parece óbvio. Sem estar a sobrevalorizar uma figura que não precisa de o ser, e aceitando correr o risco de dizer coisas que são sinceramente sentidas quanto a uma figura que é profundamente impopular na nossa terra, por causa de uma visão maniqueísta que penso ser necessário acabar quanto à Indonésia e a muitas figuras desse país.

Nos contactos com as autoridades indonésias o que lhes disse?

Em todo os contactos mantidos com autoridades da Indonésia e responsáveis da oposição, insisti em reclamar veementemente a libertação imediata e incondicional de Xanana Gusmão e insisti naquilo que é para mim, e penso que para a generalidade dos portugueses, na exigência de que ele esteja à mesa de todas as negociações - como figura incontornável e insubstituível na representação do povo de Timor-Leste e, sobretudo, na representação da Resistência timorense - sobre o futuro do território num quadro que se deseja de democracia, no respeito pelos direitos humanos e de respeito pela autodeterminação.

Nos contactos com organizações da resistência que tipo de informações trocaram. Que dificuldades lhe manifestaram? Solicitaram-lhe algum apoio em especial?

Como compreenderá, a essa pergunta, até porque, digamos, a partir da minha experiência de antes do 25 de Abril, darei uma resposta prudente, sublinhando também que parece que não há um paralelo total entre aquilo que nós vivíamos, antes do 25 de Abril, na nossa terra e a situação na Indonésia, nomeadamente na cidade de Jacarta, que tivemos a oportunidade de visitar. É uma pergunta interessante porque me permite esclarecer uma outra matéria.

Eu fui a Jacarta na base de uma iniciativa que foi tomada pelo ex-presidente da câmara de Roterdão e hoje ministro do Governo holandês e meu amigo, Bram Pepper. Não vim a convite de nenhuma autoridade indonésia. Fui recebido e fui, digamos, que acompanhado pela boa vontade do governador de Jacarta.

Mas formalmente não fui convidado por nenhuma autoridade indonésia e tinha convites de muitas e variadas organizações de direitos humanos e de solidariedade com Timor que existem na Indonésia.

Não lhe cometo a hipocrisia de dizer que estava ali a convite dessas, mas esses convites dessas organizações, nomeadamente da Conferência Episcopal, da Universidade Católica de Bandung, também estão na origem da minha iniciativa, que, sublinhei sempre, era a iniciativa de um cidadão livre, de um país livre, e que também será até ao final do seu mandato, seguramente 24 horas por dia, presidente da Câmara de Lisboa.

Senhora Megawati Sockarnoputri e senhor Frans Seda

Para a sua viagem recebeu a colaboração do Prémio Nobel da Paz, Ramos-Horta?

Evidentemente que sim. Sobre essa matéria não me alongo mais, mas devo dizer-lhe que o José Ramos-Horta esteve desde o início a par ainda antes de ser público em Portugal que eu admitia a hipótese de fazer a viagem a Jacarta. O José Ramos-Horta e não só, também outros representantes da Resistência timorense.

A sua ida a Jacarta foi muito criticada em Portugal. Chegou mesmo a afirmar-se que o senhor não deveria ir a Jacarta sem previamente informar o Presidente da República. Reconhece razões a Jorge Sampaio para estar desagradado com a sua atitude?

Não posso acreditar que o Presidente da República, que eu conheço bem e com quem trabalhei vários anos enquanto autarca da cidade de Lisboa e de quem sou

amigo político e pessoal, tenha formulado ou mandado formular por algum seu colaborador uma crítica desse tipo. Até porque sejamos sinceros sobre a informação da minha viagem: ninguém ao nível de quem conta na vida política da nossa terra pode dizer que não sabia que eu estava para ir a Jacarta nas condições que coloquei quando, há meses, a iniciativa foi formulada pelo presidente da Câmara de Roterdão. Sobre esta matéria saiu há cerca de mês e meio uma notícia no Expresso, que era perfeitamente clara e não deixava margem para dúvidas a ninguém e sobretudo às pessoas que me conhecem tão bem, como é o caso do Presidente da República.

Informou o ministro dos Negócios Estrangeiros?

Fiz um contacto com o ministro dos Negócios Estrangeiros no sentido de ele verificar se, enquanto responsável da política externa, via algum inconveniente em que eu me deslocasse nas condições em que o fiz.

E foi-lhe dado saber de inconvenientes?

Eu não sou porta-voz do ministro dos Negócios Estrangeiros, de quem sou amigo. Mas lembro-lhe mais uma vez que admiro a política externa que o Governo presidido pelo meu amigo António Guterres e dirigida pelo ministro Jaime Gama conduz, nomeadamente no que respeita a Timor. Isto talvez dê uma resposta à questão.

E quanto às críticas da oposição, que comentário lhe merecem?

De uma total inconsistência, as críticas só revelaram o pior dos sentimentos de que os portugueses às vezes também são capazes. Um sentimento de uma profunda mesquinhez de quem me viu fazer - passe a imodéstia - muito bem uma coisa bonita e extremamente difícil de fazer. E ficou incomodado com isso por razões de mera

política partidária. Como provavelmente muitos terão visto em Portugal, eu fiz questão de sublinhar, na sala e à saída da prisão de Cipinang, que estava ali para exprimir a Xanana Gusmão, enquanto presidente da CML, a solidariedade de todas as forças políticas representadas na câmara e na assembleia municipal, uma solidariedade indesmentível e também reflexo da solidariedade do povo da cidade de Lisboa, que eu represento.

O PSD, concretamente pela voz de Durão Barroso, considerou a sua visita "inoportuna" e que beliscou o consenso nacional em relação a Timor. Quer comentar?

O dr. Durão Barroso peca por um outro tipo de maniqueísmo que tem provavelmente que ver com as suas origens maoístas e a sua transferência rápida, provavelmente insensata e imprudente, do maoísmo puro e duro para o cavaquismo puro e duro. E sobretudo ainda não percebeu que deixou de ser ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, cargo que, aliás, exerceu com toda a legitimidade democrática de quem o nomeou, Aníbal Cavaco Silva. Os portugueses fartaram-se deles e revêem-se agora na política prosseguida pelo actual primeiro-ministro, António Guterres.

Ainda relativamente ao alegado mal-estar do PR, e dada a sua relação pessoal com ele, não considera que devia ter falado com Jorge Sampaio antes de ir a Jacarta?

Estou sempre disponível para falar com o Presidente e falo muito mais vezes do que eventualmente se possa supor ao nível da pequena intriga que tem algum reflexo na comunicação social. Obviamente que lhe prestarei todas as informações que tenho sobre as pessoas com quem falei. Terei o maior gosto em tomar essa iniciativa. Até porque sei como ele está apostado em obter informações sobre matérias desse tipo. Quando o Presidente Mandela esteve bastante menos tempo do que eu com o Xanana Gusmão, e com muito mais dificuldade de comunicação porque não falam a mesma língua, relembro que o Presidente Sampaio fez aquele gesto tão bonito de ir à África do Sul para se encontrar com Mandela e saber notícias de Xanana.

Como corolário das críticas também se disse que foi a Jacarta caucionar o regime de Habibie.

Essa é uma daquelas coisas a que não valerá a pena responder. Recordarei apenas alguns factos: quem convidou Robert Dome a vir a Lisboa contar o que viu nas montanhas de Timor; quem abriu o Espaço por Timor; quem fez questão de dar um escritório a Ramos-Horta; quem encontrou as formas de a Resistência timorense ter um representante junto das várias instâncias da União Europeia, Zacarias da Costa; quem mandou o primeiro telefone satélite para as montanhas da Resistência em Timor, fui eu. Nesta matéria, as críticas merecem a resposta do provérbio: "Vozes de burro não chegam ao céu".

Está dizer-me que quem faz tudo isso, como o senhor fez pela Resistência de Timor, obviamente que não cauciona o regime de Jacarta. O que lhe pergunto concretamente é isto: a sua visita poderá ou não ter sido entendida pelas autoridades de Jacarta como uma caução ao regime indonésio?

Em circunstância nenhuma. E ninguém está melhor colocado para perceber isso do que você, que ouviu em quase todas as circunstâncias tudo o que eu disse, a clareza com que disse e a contundência e a frontalidade com que o disse. Portanto, não há nessa matéria nenhuma espécie de confusões, porque não estávamos a lidar, e quanto a isso não se tenha nenhuma espécie de visão maniqueísta, não estamos a lídar com burros, mas com gente inteligente, e nalguns casos mesmo, que é o caso de Alatas, com gente superiormente inteligente, expe-

Com Pius Lustrilanang raptado pela polícia política de Suharto

rimentada e hábil. Tenho muito orgulho, passe a imodéstia, em ter ouvido, por exemplo, o mesmo que você ouviu, da boca do Mário Carrascalão, na sequência de um jantar em que estavam muitos timorenses e indonésios, aquilo que ele disse, poucos teriam tido a coragem para o dizer com a clareza com que o disse em português, traduzido para inglês e para indonésio.

Dos contactos que manteve em Jacarta, e exceptuando naturalmente a visita a Xanana Gusmão, a quais atribui maior significado?

Graças ao apoio inexcedível do embaixador do Brasil em Jacarta, Jadiel Ferreira de Oliveira, tivemos um encontro, na sua residência, com alguns dos principais líderes da oposição, a quem todas as previsões apontam um futuro de responsabilidade no quadro das eleições que se espera possam realizar-se de uma forma genuinamente democrática no próximo ano.

Quem esteve nesse encontro?

A senhora Megawati Sockarnoputri, filha do ex-presidente Sukarno e líder de um dos principais partidos da oposição; Frans Seda, um líder católico com grande influência nas dez universidades católicas existentes na Indonésia; e, entre outros, Pius Lustrilanang um jovem indonésio que foi perseguido pelo regime por apoiar a Resistência timorense. Foi um encontro extremamente interessante, que destacaria entre todos os outros, em que incluo, como é óbvio, o conjunto de portugueses e indonésios com quem falei, o grupo de jovens do Solidamor, que são a equipa da solidariedade activa na Indonésia com a Resistência e a causa da autodeterminação timorenses.

Que impressão recolheu da actual realidade da Indonésia?

Apesar da multiplicidade e variedade política dos contactos, não é numa visita tão curta como esta que se pode fazer uma avaliação segura. Mas parece-me óbvio que se está na fronteira de uma transição séria. Trata-se de um regime sui generis, profundamente autoritário, mas que não tem nada a ver com os modelos de ditadura tipo fascista que conhecemos na nossa própria terra. Há uma razoável liberdade de imprensa na Indonésia, há uma liberdade de reunião, manifestação e expressão que está muito para além daquilo que conhecemos durante os períodos de Salazar ou de Marcelo Caetano. Evidentemente está longe de uma democracia genuína, solidamente implantada, onde as pessoas se sintam verdadeiramente seguras a dizer coisas que sejam desagradáveis para o Poder instalado.

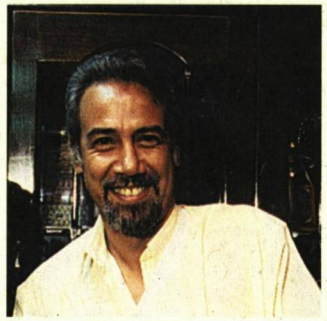
Há ainda muita gente temerosa...

Tivemos oportunidade de verificar que há muita gente temerosa quanto ao que diz, mas também verificámos que mesmo na órbita do núcleo central do poder há gente que só espera uma oportunidade para poder ma-

nifestar a sua simpatia com a forma democrática de estar. E eu considero muito sinceramente que o discurso radicalmente pró-democrático que insisti em fazer sempre, sem nuances de natureza diplomática, encontrou um eco muito favorável tanto junto da comunicação social indonésia - estou a lembrar-me de uma jovem jornalista da agência de informação nacional indonésia que me disse "volte cá porque precisamos de ouvir muitas vezes esse discurso" -, como de uma série de funcionários que nos acompanharam.

De todos estes contactos com que ideia ficou sobre a Indonésia?

Foram contactos relativamente breves, interessantes e volto aqui a sublinhar a minha gratidão ao embaixador do Brasil e a embaixadores da União Europeia que quiseram sempre acompanhar-me. Mas devo dizer-lhe que o que registei como mais importante, do ponto de vista político, foi a indisponibilidade da quase totalidade da oposição indonésia para manifestar apoio à autodeterminação de Timor. Ao que me disse o próprio Xanana, há apenas a excepção de Amien Rais, líder do partido muçulmano e figura-chave da oposição, com quem, como sabe, não nos pudemos encontrar porque estava em Bandung e só chegou a Jacarta no dia em que nós saímos, para se encontrar, ele também, com Xanana, em Cipinang. Quero crer que em muitos casos será apenas por meras razões tácticas. Porque o tema, obviamente, não é simpático à opinião pública indonésia e essa é uma matéria também sobre a qual devíamos reflectir e deveríamos estudar com mais precisão, porque os movimentos que defendem abertamente a causa da libertação de Timor ou a causa do exercício à sua autodeterminação e independência são muito minoritários e têm uma acção ainda muito reduzida.



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL